

ESCRITA E CORPO EM ANTONIN ARTAUD

Marcelise Lima de Assis¹

<https://orcid.org/0000-0001-6388-3531>

RESUMO: Busca-se investigar neste artigo como se dá a constituição do sujeito em Artaud na carta que este dirige a Wladimir Porché em 4 de fevereiro de 1948. Nesta carta, Artaud expressa sua revolta frente à censura que sofreu sua produção radiofônica *Para acabar com o juízo de Deus*. A partir do conteúdo desta carta, a autora discute como em Artaud a constituição do sujeito transcorre, necessariamente, pela noção de corpo. Diferente do que Foucault apresenta a respeito dos ascéticos, os quais buscavam na escrita de si uma espécie de fuga dos maus pensamentos ao eliminá-los pela escrita, Artaud toma a escrita como lugar para problematizar a noção de corpo e, conseqüentemente, do pensamento, para atingir os mais diversos modos de julgamentos que operam na constituição dos corpos ordinários.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Antonin Artaud; Sujeito; Escrita de si;

WRITING AND BODY IN ANTONIN ARTAUD

ABSTRACT: *This paper seeks to understand how the constitution of the subject occurs through Artaud's letter to Wladimir Porché, dated February 4, 1948. In this letter, Artaud expresses his discontentment against the censorship suffered by his radiophonic piece To end the judgment of god. From the analyses of the contents of this letter, the author discusses how in Artaud the constitution of the subject goes necessarily through the notion of body. Unlike what Foucault presents about ascetics, who sought in their writings a kind of escape from bad thoughts by eliminating them through writing, Artaud takes writing as a place to problematize the notion of body and, consequently, of thought, to reach the most diverse modes of judgments that operate in the constitution of ordinary bodies.*

KEYWORDS: *Body; Antonin Artaud; Subject; Self-writing.*

¹ Marcelise Lima de Assis é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: lissletras@gmail.com.



Introdução

Antonin Artaud viveu na primeira metade do século XX (1896-1948), foi um crítico do teatro, poeta, dramaturgo, escritor e artista plástico francês. Alocou, no cerne de suas discussões, a noção de corpo, valeu-se de um tom de revolta contra o modus operandi de interdição que opera estrategicamente para certo esgotamento das forças vitais. Artista combativo, esteve ligado ao Surrealismo, do qual foi banido, em 1928, por discordar da filiação do movimento ao partido comunista, além de inúmeras divergências com André Breton, que renderam diversas cartas, um dos gêneros textuais aparentemente preferido por Artaud. Em 1937, sofreu várias internações em manicômios franceses e, no dia 13 de outubro de 1937, foi submetido ao prefeito de Havve um certificado médico solicitando sua transferência, com urgência, para o asilo departamental de alienados. O médico que assinou o documento certificou que ele, com a idade de 41 anos, apresentava problemas mentais e um conjunto de alucinações (ARTAUD, 2004, p. 847, tradução nossa), terminando o artista por ser internado no hospital psiquiátrico de Rodez de 1943 a 1945, de onde escreveu diversas cartas endereçadas ao médico psiquiatra chefe Doutor Ferdière, nas quais expressou um sofrimento intenso e argumentou em favor de sua liberdade.

A esse diagnóstico, Artaud reagiu durante todo o período em que esteve internado, através de uma escrita volumosa, em que preencheu inúmeros cadernos escolares, nos quais, como descreveu Ana Kiffer:

“[Artaud] volta a uma prática incessante de escrita. Uma prática, no entanto, completamente nova e inusitada. A partir desse ‘suporte’, ele põe em cena uma escrita que não se assemelha a nenhum modo antes explorado pelo autor”. (KIFFER, 2007, p. 8)

Nota-se, aqui, um dos pontos centrais da nossa abordagem sobre a “política da escrita”, compreendendo escrita como intervenção em determinado tempo. Por meio dessa escrita, Artaud se constitui e instaura uma intervenção ao apresentar mecanismos e formas outras de expressão de si.



A Intervenção da Escrita

A carta que será apresentada a seguir Artaud enviou a Wladimir Porché em 4 de fevereiro de 1948, nela ele anunciou a revolta em relação à censura imposta a sua transmissão radiofônica intitulada *Para acabar com o juízo de deus*, trabalho em que se dedicou por meses e do qual esperou, com muito entusiasmo, a recepção do público.

Nesse sentido, busca-se depreender como pode se dar a constituição do sujeito em Artaud, através da análise da carta que este direcionou a Wladimir Porché. Para isso, tentaremos compreender como ocorre a constituição do sujeito em Michael Foucault, teórico que teve em Artaud um norte para escrever sobre corpo. Foucault buscou informações na antiguidade e apresentou, em seu texto *A escrita de si*, como a escrita era tomada pelos seguidores do ascetismo. Segundo o teórico, em *Vita Antonii* de Atanásio, a escrita era o exercício capaz de possibilitar ao ascético o conhecimento sobre si mesmo, uma vez que dava a conhecer os movimentos do seu próprio pensamento, quer sejam maus ou bons. Nesse sentido, para os ascéticos, ao escrever era possível livrar-se dos maus pensamentos, uma vez que tal exercício motivava uma espécie de inibição diante do mal pensar e suas práticas, levando-os a evitá-los, disciplinando seus corpos à servidão do bem e frustrando as argúcias do inimigo. Nota-se a escrita como um exercício de batalha espiritual, uma vez que, ao escrever os movimentos interiores, acabam por externar os movimentos da alma. Ao eliminar os maus pensamentos, finalidade essencial do exercício da escrita, o ascético *“dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo”* (FOUCAULT, 1983, s/p).

Ainda para Foucault, a escrita está associada ao exercício do pensamento pelo menos de duas maneiras: uma, que diz respeito ao trabalho pela escrita, ao exercício do pensamento, ou melhor, ao treino em situação real (FOUCAULT, 1983); e, outra maneira, na qual *“a meditação precede as notas, as quais permitem a releitura que, por vezes, relança a meditação”* (FOUCAULT, 1983, s/p). Desse modo, Foucault conclui que, independentemente do modo de exercitar a escrita, esta sempre constituirá uma etapa essencial no processo que leva o sujeito a repensar o cuidado, o conhecimento de si, e afirmar uma criação de si por meio de uma “política da escrita”, ao passo que acaba por instaurar uma intervenção em determinada experiência histórica.

Foucault chama esse exercício de treino de si, o qual possui a função etopoiética, por meio da qual se opera a transformação da verdade em *ethos*. Ou melhor: *“Esta escrita*



etopoiética, tal como surge através dos documentos do I e do II séculos, parece ter se estabelecido no exterior de duas formas já conhecidas e utilizadas com outros fins: os hypomnemata e a correspondência” (FOUCAULT, 1983, s/p).

Foucault assinala que essas duas formas de escrita (*hypomnemata* e correspondência) podem ser compreendidas como parte da constituição do sujeito. Os *hypomnemata* são cadernos de anotações e/ou de notas e diz respeito a um modo de anotar pensamentos, lições e frases para melhor argumentar sobre determinado assunto ou para serem consultadas posteriormente. Ou ainda, como descreve o teórico: “*Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior*” (1983, s/p). Nota-se que é por meio da escolha de elementos heterogêneos que se constitui os *hypomnemata*. Não se trata de escrever como se compreendeu determinada leitura de uma obra, mas dos elementos que se pôde captar e anotar para uma consulta futura.

Foucault (1983, s/p) afirma ainda que “*Os cadernos de notas, que, em si mesmos, constituem exercícios de escrita pessoal, podem servir de matéria prima para textos que se enviam aos outros*”. Aqui se situa a correspondência, a segunda forma de escrita de si apresentada. Nela reside, além do compartilhamento com outrem, o exercício pessoal.

Para Foucault (1983), na correspondência, cada sujeito se manifesta a si e ao outro, fazendo-se presente àquele a quem se direciona. Nesse sentido, a carta opera sobre o destinatário, mas também sobre quem a envia e isso implica, para Foucault, uma introspecção, em uma abertura de si mesmo que se dá ao outro. Esse treino também implica o exercício do pensamento a partir do conhecimento de si.

Artaud foi um pensador que muito contribuiu e inspirou o movimento de contracultura dos anos 1960 e 1970 e que tem inspirado discussões sobre a noção de corpo na contemporaneidade. Além disso, Artaud se constituiu em um norte para Foucault (quando de seus estudos sobre o corpo) e para Deleuze, ao inspirá-lo a escrever sobre o corpo sem órgãos, discussão que Artaud traz em seu texto *Para acabar com o juízo de deus*, mas que não o toma conceitualmente, trabalho feito por Gilles Deleuze e Felix Guattari (SARDINHA, 2017, p. 200). Quase incompreendido em seu tempo, a partir da década de 1960, as ideias de Artaud passaram a ser reinterpretadas e colocadas em prática por diversos diretores de teatro em todo o mundo. No Brasil,



podemos citar José Celso Martinez Corrêa, estudioso e intérprete das obras de Artaud, sobretudo por meio de sua liderança no Teatro Oficina (1960).

Por ser um pensador do corpo, foi no teatro que Artaud encontrou terreno fértil para experimentar o que ele chama de teatro da crueldade. Trabalhou toda a sua vida para mobilizar a noção de corpo. Incomodava-se com os automatismos, daí a criação de uma obra que revolucionou o teatro contemporâneo: O teatro e seu duplo. Mas, Artaud não pensou o corpo apenas no teatro. Diríamos que nele esse corpo fosse possível de ser experimentado/praticado. Conforme aponta Quilici (2008, s/p) *“Artaud frequentemente opta por uma confrontação com a plateia”*, para que abandonasse o caráter ficcional ou o mundo imaginário do teatro, conforme diz Quilici (2008, s/p) e imergisse numa problematização radical de si por meio do teatro. Artaud, ao falar de teatro, não está apenas falando de arte pela arte como forma de fruição superficial, aliás, a superficialidade do teatro muito incomodava Artaud. Para ele arte e vida não se separam e por meio da arte se pode transformar a vida e questionar as estruturas de dominação do corpo.

Ainda para Quilici (2008, s/p) *“Artaud faz uma avaliação da sua época e do tipo de ‘homem’ que ela produz. O desconhecimento do ‘homem moderno’ em relação ao teatro seria apenas uma faceta de uma ignorância maior”*. Essa ignorância do homem moderno apresenta-se em seu próprio corpo domesticado. Desse modo, teatro que era baseado na representação da vida, para Artaud ele precisava ser intervenção, transformação e perda de si. Para Quilici (2008, s/p)

O homem descobre que para realizar-se plenamente como tal é necessário um tipo especial de “trabalho”, que não possui nenhuma relação com as ocupações voltadas à aquisição de prestígio, fortuna e asseguramento de si no mundo. Nenhuma dessas ocupações poderia lidar convenientemente com a “inquietude de si”.

Ou melhor, por meio de uma “inquietude de si”, se iniciará o acordar de um organismo dentro para um corpo vital, e, para Artaud, isso incluía uma crueldade elementar. Sua própria vida foi uma experimentação dessa crueldade, de uma busca não para apenas entender o corpo, mas para experimentá-lo além das suas funcionalidades (UNO, 2012). Para Artaud, o corpo estava engendrado em formas governadas e automáticas, as quais eliminavam a vitalidade e a força da vida, daí a



necessidade da busca por um *corpo sem órgãos*, um corpo aparentemente impossível, ou melhor, tomar o corpo mais por suas intensidades do que por suas funcionalidades.

Uma Carta ao Corpo

Diferente das duas formas de constituição do sujeito que foram apresentadas por Foucault, por meio do seu estudo dos documentos do I e do II séculos, Artaud nos apresenta uma constituição do sujeito que se concentra no corpo. Sua escrita exaustiva em cadernos, no período que passou em Rodez, faz parte dessa busca para dilatar o corpo, conforme argumenta Ana Kiffer (2016, p. 10), por meio de um trecho do poema de Artaud, ao dizer que todo pensamento se faz com o corpo. Sendo assim, quanto menos corpo, mais pensamento, sendo preciso, desse modo, utilizar-se do corpo para fragilizar o pensamento. Ou melhor, a destituição do corpo possibilita a problematização do pensamento. Nota-se, por meio dos registros de Artaud, que, ao dilatar o corpo ordinário, o sujeito é capaz de apreender um corpo radicalmente outro. Não uma destruição do corpo anterior, mas a desorganização ou a busca do corpo que aconteça por suas intensidades. Era essa intensidade e essa suspensão do corpo ordinário que Artaud desejava injetar no público com a transmissão de seu texto censurado *Para acabar com o juízo de deus*. Eis o motivo pelo qual escreve e expressa revolta em carta ao responsável pela rádio:

*Senhor,
Permita-me estar um pouco mais do que revoltado e escandalizado
com a medida tomada em relação à minha Radiodifusão:
“Para acabar com o juízo de Deus”,
(...)
Não ignore a curiosidade com a qual essa emissão era esperada pela grande
massa do público
que a via como uma espécie de libertação,
que contava com um conjunto sonoro que a retirava da rotina ordinária das
emissões (ARTAUD apud KIFFER, 2017, p. 163).*

Vê-se que a escrita se torna política e a carta opera como intervenção e ação também política. Nota-se, também, no trecho da carta citado, que Artaud queria agir/atuar no público ouvinte de sua transmissão, na tentativa de possibilitar a experimentação de um conjunto sonoro que lhe apresentasse uma espécie de libertação, ao retirá-los da rotina ordinária das emissões costumeiras, agindo



diretamente sobre o sentido de cada ouvinte. Ouvir é exercício corpóreo e envolve a voz do outro, com seus tons, volumes, expressões etc. Para Artaud não bastava que o público tivesse acesso ao seu texto apenas por meio da escrita como exercício de leitura.

O texto *Para acabar com o juízo de deus* propunha ao público uma desorganização corporal: convidaria o público a experimentar a vida pela via corporal, abandonando o julgo sógnico dos julgamentos responsáveis por criar os corpos ordinários. Artaud insistiu em uma experimentação radical do corpo, em que fosse possível sabotar os juízos que empobreciam os corpos, como pontua Kuniichi Uno (2012) em seu texto *A gênese de um corpo desconhecido*:

Uma das obsessões mais fortes para Antonin Artaud era de que seu corpo não era nada além de um autômato manipulado por Deus. Mas o que ele queria fazer não era destruir este autômato, mas se desvencilhar do autômato, do seu próprio corpo paralisado. O que ele queria era reconstruir ou descobrir um outro autômato que se gerasse seguindo as forças, os fluxos e o tempo, um outro tempo. Os órgãos são execráveis na medida em que eles representam e articulam as ordens que determinam o autômato de Deus. É por isso que Artaud comandaria a luta contra os órgãos durante toda a sua vida (UNO, 2012, p. 66).

Se, para Foucault, os ascéticos buscavam na *escrita de si* uma espécie de fuga dos maus pensamentos ao eliminá-los da escrita, Artaud tomou a escrita como lugar para problematizar a noção de corpo e, conseqüentemente, o pensamento. Sua transmissão radiofônica tinha a intenção de atingir os pontos centrais dos corpos e propunha a experimentação do corpo fora das limitações que situam o bem e o mal. Compreende-se que o conhecimento de si em Artaud se dá pela perda desse si e do corpo para uma abertura ao outro, ao novo. Era preciso tirar o corpo do seu estado paralisado, devolvendo-lhe o sentido de renovação por meio da experimentação das intensidades corporais. Em *As palavras e as coisas*, Foucault (2002) acrescenta que “em Artaud, a linguagem, recusada como discurso e retomada na violência plástica do choque, e remetida ao grito, ao corpo torturado, à materialidade do pensamento, à carne;”. O que, para Kuniichi Uno (2012):



De uma maneira muito condensada, sua reflexão apoia-se na história do corpo. Tudo o que ele escreveu em suas centenas de cadernos apresenta-se como um apocalipse do corpo, tanto que ele continua a pensar constantemente em como o corpo foi roubado, martirizado, torturado, deformado, suprimido de uma maneira quase irrecuperável. O Cristo, as doutrinas, os misticismos, as metafísicas, as ciências, as políticas, tudo o que é social, a medicina e os hospitais psiquiátricos são responsáveis por isso. A vida humana, suas forças vitais, incluindo a libido ou o desejo, é moldada nas redes institucionais da vigilância, da organização ou da exclusão (UNO, 2012, pp.41-42).

Os escritos de Artaud tornaram-se revelações de como o corpo foi furtado. Aqui podemos marcar a diferença entre a constituição do sujeito em Foucault e em Artaud. Na constituição do sujeito, no trabalho foucaultiano, o sujeito cria medidas e princípios que o ajudem no autocontrole, pois só aquele que governa a si mesmo pode governar a polis. Artaud, ao contrário, utiliza-se da escrita e, particularmente, em cartas e cadernos, para uma espécie de perda de si e desconstituição do corpo ordinário. Na carta em estudo, o artista insiste na ação política de enfatizar a importância da transmissão de seu texto para o público ouvinte da rádio:

*Eu, o autor, ouvi como todo mundo a emissão gravada,
decidido a não deixar nada passar
que pudesse lesar
o gosto
a moral,
os bons costumes,
a vontade de honra,
e que pudesse por outro lado
manifestar
o tédio,
o déjà vu,
a rotina
queria uma obra nova que fixasse certos pontos na vida orgânica*
(ARTAUD apud KIFFER, 2017, p. 164)

Observa-se que a carta escrita por Artaud possui toda uma organização estética que a aproxima de um poema com pequenos versos. No conteúdo do trecho em questão, ele garante ao responsável pela rádio que sua transmissão não ia apresentar ao público um momento tedioso, uma rotina ou um *déjà vu*, ou melhor, apresentaria algo novo, fora da realidade costumeira que o público estava habituado. Garantia que não afetaria o gosto, a moral, os bons costumes, a vontade de honra do público, seu alvo era atingir “certos pontos da vida orgânica”, ou melhor, queria atingir os corpos com seus



organismos e funcionalidades, de modo que o público se deixasse experimentar o corpo em suas intensidades.

Ainda que as palavras do seu texto fossem violentas e assustadoras, ele garantia não lesar “o gosto, a moral, os bons costumes, a vontade de honra”, pois o que pretendia apresentar estava fora da vida, tão fora da vida que, provavelmente, o público não se escandalizaria. Notamos aqui uma sutil ironia, uma vez que todo o trabalho de Artaud foi exatamente o de fazer voltar à vida, ou melhor, Artaud supõe que o público estava fora da vida, mergulhado em uma rede de automatismos e costumes rotineiros, espécies de corpos robotizados. Sua transmissão poderia ser incompreendida e poderia não causar efeito algum, dado o nível de afastamento da vida no qual os corpos ouvintes estariam imersos:

*Ora eu busco.
E encontro
1º a pessoa da felicidade,
texto constelado por palavras violentas, assustadoras,
sim, existem palavras violentas, assustadoras,
mas tão fora da vida que não acredito que possa haver nesse
momento um público capaz de se escandalizar.*

(ARTAUD apud KIFFER, 2017, p. 165)

E acrescenta que se houver um ouvinte capaz de afetar-se, que assim o seja, que ele compreenda que “não aguenta mais a sujeita” física e fisiológica do corpo, a ponto de desejar uma mudança corporal profunda:

*Sim e que seja, que o último imigrante compreenda
que ele não aguenta mais a sujeira,
- física, como fisiológica,
E DESEJAR uma mudança
CORPORAL
De fundo.*

(ARTAUD apud KIFFER, 2017, p. 165).

O sujeito se constitui na recusa de um corpo ordinário, na sua desorganização e na constituição de um corpo novo e perspicaz, capaz de perceber as formas de empobrecimento da vida, capaz de notar que é preciso estar constantemente buscando



esse corpo de mudança intensa, capaz de devolver o sentido da existência combativa diante das formas de automatismo e captura, liberando-os para sua vitalidade:

*Resta o ataque inicial contra o capitalismo americano.
Mas é preciso ser muito ingênuo, Sr. Wladimir Porché, a
essa altura, para não dar-se conta que o capitalismo americano
e o comunismo russo nos levam, os dois, à guerra.
então pela voz, tambores e xilofonias alerto as individualidades para que façam
corpo.
Eu sou*

Antonin Artaud

(ARTAUD apud KIFFER, 2017, p. 165).

Façam corpo, propõe Artaud, ainda que esse seja inatingível, conforme aponta Kuniichi Uno (2012, p. 42) “*Artaud foi longe demais, ao ponto de chegar a uma imagem de um corpo irrealizável, esvaziado de todas as possibilidades reais, como já se disse suficientemente a propósito de seu teatro da crueldade*”. A crueldade criativa e quase eufórica, como modo de abertura sofisticado, em outros termos: a crueldade em Artaud é uma abundância de vida. Para Kuniichi Uno (2012), o Estado, a sociedade, o exército, a escola, a medicina e a cultura são inimigos do corpo. Artaud entrega seu corpo ao trabalho de oposição a essas formas, sobretudo ao corpo orgânico biológico e higiênico. Para ele o corpo sempre se distingue do corpo como objeto determinado, pois nele se situa uma diferença que se espessa em matéria flutuante e, como conclui Kuniichi Uno (2012, p.43), “*abrindo-se aos agenciamentos e às conexões, a todas as crueldades que lhe atravessam*”.

Daí o desejo de criar uma obra pela qual pudesse desestabilizar os julgamentos para que fosse possível buscar um corpo que evadisse a esses autômatos divinos que tanto se afastam do corpo em si e suas pulsões. Em Artaud, o corpo precisa ir além dos seus limites orgânicos, sociais e historicamente organizados, “*ele busca, explorando todo o caos que transborda do sistema de vida ocidental, um outro plano que manifestaria uma outra ordem, uma outra economia de forças vitais*” (UNO, 2012, p. 40).

Há uma *perda de si* e o sujeito se constitui por meio da linha tênue entre o corpo e um novo corpo. A palavra escrita está além do seu significado. É tomada por suas intensidades, pela força com que atravessa os corpos para desconstruí-los, abrindo conexões outras: “*então pela voz, tambores e xilofonias alerto as individualidades para que façam corpo*”.



Portanto, como aponta Ana Kiffer (2018, p. 116), “*Artaud escreveu e desejou modos de acabar com o julgamento*”. E, se, para ele, nenhum pensamento se faz sem o corpo, era preciso, com o corpo, atingir o pensamento. E assim o fez. Toda a vida de Artaud foi concentrada em traçar a batalha contra o automatismo em meio aos quais os corpos foram imersos.

Conclusão

A escrita do texto *Para acabar com o juízo de Deus* e a carta analisada durante o texto apresenta a atuação política de Artaud durante e após os nove anos que passou em internação psiquiátrica em Rodez. Por meio do conteúdo dos dois textos analisamos, nota-se que Artaud buscou fazer críticas aos automatismos em que os corpos estavam imersos, para ele, essa organização acaba por eliminar toda força criadora e vital da vida.

Ao escrever a carta para Wladimir Porché, Artaud nos apresenta também a escrita de si, não no modelo apresentado por Michel Foucault, exercitado pelos acéticos, voltada para o campo espiritual, mas de uma escrita que permeia na noção de corpo e seus organismos, ou melhor, Artaud chama atenção para a importância do corpo na formação do pensamento. Entendendo que o corpo e sua vitalidade foram roubados pelos mecanismos de controle social; igreja, trabalho, produção de bens etc., e demais formas de capturas.

Na carta enviada a Wladimir Porché e no texto *Para acabar com o juízo de deus*, o autor externa seu pensamento e mostra que é possível a criação de outro corpo, que a recuperação das vitalidades da vida, a experiência consigo são portas possíveis para a criação de uma sociedade mais humanizada e respeitosa. Nesse sentido, a escrita de Artaud se apresenta como ato político, sobretudo após ser internado em Rodez, período marcado pela escrita. Artaud imerge no mundo da escrita como mecanismo de busca por um *corpo sem órgãos*, sem julgamento, sem controle – um corpo que cedesse espaço para as sensações. A escrita, para ele, foi o lugar pelo qual pôde suportar os tratamentos com eletrochoque e outras formas de tortura pelas quais foi submetido. Das experiências que marcaram sua vida, Artaud extraiu o mais exuberante e escreveu o apocalipse do corpo (UNO, 2012).



Referências

- ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São. Paulo: Max Limonad, 1984.
- ARTAUD, Antonin. Para acabar com o juízo de Deus (1947). In: WILLER, C. (tradução, seleção e notas). **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- ARTAUD, Antonin. **Œuvres**. Paris: Gallimard, 2004.
- DRUMMOND, Washington. Sacrifício das formas: da estética ao sujeito. In: **Revista Ideação**, n, 31, Jan./jun. Feira de Santana/BA: UEFS, 2015.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.
- KIFFER, Ana. Carta-prefácio. In: *ARTAUD, Antonin. A perda se si: cartas de Antonin Artaud*. Org. Ana Kiffer; Trad. Ana Kiffer; Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. pp. 7-20. (col. Marginália).
- KIFFER, Ana. (org.). Um só ou vários corpos? In: **Sobre o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- KIFFER, Ana. [Ensaio] Correspondência fabulatória – entre Ana K. e A. Artaud. In: **Revista Vazantes** - UFC. Vol. 01, n 01. 2018, pp.105-116.
- QUILICI, Cassiano Sydow. O treinamento do ator/performer e a “inquietaude de si” In: **Anais do V Congresso da ABRACE, ISSN 2176-9516**, v. 9, n. 1 (2008). Disponível em <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/75/showToc>>. Acesso em 06 março 2020.
- SARDINHA, Diogo. Três corpos: Artaud, Foucault, Deleuze. In: **Revista dois pontos**: Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/dois pontos/article/view/56547/34031>>. Acesso em 06 março 2020.
- UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. Tradução de Christine Greiner com colaboração de Ernesto Filho e Fernanda Rachel; prefácio de Christine Greiner. São Paulo: n-1 edições, 2012.

Recebido em 06 de outubro de 2019
Aceito em 05 de março de 2020

